

## Uma Escola de Jornalismo é Necessária?<sup>1</sup>

Túlio Souza de Vasconcelos<sup>2</sup>

PULITZER, Joseph. *A escola de jornalismo: a opinião pública.*

Tradução de Jorge Meditsch e Eduardo Meditsch. Florianópolis: Insular, 2009.

### Resumo

A presente resenha versa sobre o livro *A Escola de Jornalismo*, do húngaro Joseph Pulitzer. Em seu livro, o autor realiza uma defesa da criação de uma escola de Jornalismo na Universidade Columbia. Um tema atual, principalmente para o Brasil. O autor defende que os jornalistas precisam ter uma formação para poder fazer uma das funções sociais mais importantes, que é ajudar as pessoas a compreenderem a realidade ao seu redor. Em sociedades tão complexas como as de hoje, o jornalismo exerce um papel central neste sentido.

**Palavras-chave:** *Jornalismo; Escola; Formação; Ética.*

Joseph Pulitzer foi um jornalista húngaro naturalizado americano, considerado um dos melhores editores de jornal. Foi um dos defensores pioneiros da formação de jornalistas a nível universitário em uma faculdade de jornalismo. Concedeu US\$ 1 milhão de dólares à Universidade de Colúmbia para a criação de uma Escola de Jornalismo. Ele também dá nome ao Prêmio Pulitzer, destinado aos profissionais da área de jornalismo e literatura que destaca a cada ano pelo seu trabalho.

De acordo com Alsina e Meditsch *apud* Karam “O jornalista é o enlace de conhecimento de políticos, filósofos e cientistas com o cidadão. O jornalista tem um papel

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina Introdução ao Jornalismo, sob orientação do Professor Alfredo Vizeu.

<sup>2</sup> Graduando do curso Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

institucionalizado e legitimado na transmissão do saber cotidiano e como condutor do saber dos especialistas para o grande público” (p.46). Genro Filho também aponta que “o jornalismo deve ser visto como uma nova forma de conhecimento que se distingue diferencia e complementa as mediações que as ciências e as artes propiciam para se entender o mundo. A consumação da liberdade humana exige, em especial, o desenvolvimento do jornalismo”. (p. 63).

Já Eduardo Meditsch ressalta que o jornalismo produz conhecimento de forma distinta das demais áreas do saber, ligada à função de comunicação que lhe é inerente. “O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social” (p. 30). A narrativa do livro é organizada a partir de questionamentos comumente lançados ao jornalismo como se o profissional já precisa nascer feito, se a prática só pode ser aprendida na redação, o poder do jornalismo, seu poder e compromisso com o público.

Em primeiro lugar, Pulitzer retruca é a ideia de que muitos pensam que o jornalista deve ter vocação natural para exercer o ofício. Toda atividade, argumenta, carece de treinamento. “Toda a inteligência precisa de aperfeiçoamento. A mais alta se beneficia com ele, a inferior não tem chance alguma sem ele. A melhor peça de Shakespeare, Hamlet, foi sua décima-nona obra, não a primeira, e foi escrita depois de muito trabalho e do amadurecimento, da experiência no exercício de suas aptidões e no acúmulo de conhecimento adquirido ao criar as dezoito peças anteriores. Se Shakespeare já nasceu gênio, porque não começou por escrever Hamlet” (p.11)?

Adiante, ele rebate os contrários ao ensino de jornalismo na academia, afirmando que a ética e a moral não podem ser apreendidos. Pulitzer critica também os defensores da formação jornalística que se dá apenas na redação. “Ninguém numa redação tem tempo ou vocação para ensinar a um repórter cru as coisas que deveria saber antes de realizar o mais simples trabalho jornalístico” (p.16) Ideia essa defendida por alguns a favor do fim da obrigatoriedade do diploma na área.

No que tange aos docentes, Pulitzer considera que existe minoria qualificada para lecionar nos bancos escolares. Os professores, segundo o autor, precisam ter larga experiência profissional. De acordo com Eduardo Meditsch, isto “reflete o desprestígio da prática profissional que prevalece no meio acadêmico: muitos professores consideram a

prática como ‘ensino técnico’, desconsiderando o seu aspecto intelectual”, e “este preconceito não tem paralelo em outras profissões de ciência aplicada, como na saúde, engenharia, administração, etc.”.

Pulitzer sugere que o método de ensino a ser adotado nos cursos de jornalismo deve ser o do bom exemplo. “Os bons jornalistas moldam seus próprios estilos gradualmente, pela observação e pela prática. Eles não podem nunca deixar de lado esta necessidade pela imposição a eles de um estilo pré-programado. Mas não poderiam ser ajudados em sua busca por um curso que mostrasse sistematicamente do que o jornalismo precisa ilustrado por exemplos de bons e de maus trabalhos?” (p.27).

Com o advento da internet, a escrita passa a ser mais valorizada, mas por outro lado, ela acaba também perdendo força, pois muita coisa que se divulga na rede é difundida sem revisão ou checagem. Temos então, um ponto central no jornalismo chamado por muitos de rigor do método jornalístico. Em seu livro *Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação*, Daniel Cornu ressalta que o jornalismo, “a verdade jornalística” e a objetividade estão diretamente imbricados a este tipo de método de apuração dos fatos. Hoje em dia, muitas pessoas pensam que o simples fato de postar informações na rede possa torná-las jornalistas por isso.

“Dêem-me um editor de notícias bem formado, que domine os fundamentos da precisão, tenha amor à verdade e vocação para o serviço público e não haverá problemas com a obtenção do noticiário”. Esta parece ser a única contradição existente no livro, pois, com essa afirmação, Pulitzer defende a vocação do editor, desdizendo o que afirmara no início do texto. Segundo Pulitzer, a existência do jornalismo é a garantia da liberdade de informação e considera o rigor do método fundamental para o exercício da profissão, além de não acreditar que qualquer pessoa possa ser jornalista.

A obra apresenta um pouco do ideal romântico da profissão de jornalista por parte do autor. “Um jornalista é o vigia da ponte de comando do barco do Estado. Ele percebe uma vela que passa, as pequenas coisas interessantes que pontuam o horizonte quando o tempo está bom. Ele avisa sobre o nadador à deriva que o navio pode salvar. Perscruta através da neblina e da tempestade para avisar dos perigos adiante. Não fica pensando em seu salário ou nos lucros dos proprietários. Está ali para zelar pela segurança e pelo bem-estar das pessoas que nele confiam” (p.32).

Para conseguir sustentar seus argumentos ao longo do texto, Pulitzer se utiliza, principalmente, da incompreensão do ofício de jornalista e a sua importância social para o

restante da população. Ao final, tem-se uma obra viva, consistente, em linguagem simples e fácil. O leitor comum pode entrar em contato com o livro sem nenhuma ou quase nenhuma dificuldade de compreensão. De certa forma, é importante para o leitor que não do jornalismo entrar em contato com esse texto para ter a chance de dissipar muitos preconceitos sobre a área. Sem dúvida, uma leitura obrigatória para estudantes e profissionais de jornalismo.

### Referências Bibliográficas

- BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CORNU, Daniel. *Jornalismo e verdade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- HOHFELDT, Antônio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera (orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KARAM, José Francisco. *A Ética Jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus, 2004.
- MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo como forma de conhecimento*. Florianópolis: 1992.
- PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. *Decidindo o que é notícia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- PULITZER, Joseph. *A escola de jornalismo: a opinião pública*. Tradução de Jorge Meditsch e Eduardo Meditsch. Florianópolis: Insular, 2009. 3 v. (Jornalismo a Rigor).